

JORNAL: O Globo LOCAL: Quonabeana

DATA: 19/08/1960 AUTOR: Vera Pacheco Jordão

TÍTULO: O IX Salão de Arte Moderna - II

ASSUNTO: Vera Pacheco Jordão ataca o IX Salão

o globo
17-8-60

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

• VERA PACHECO JORDÃO •

O IX SALÃO DE ARTE MODERNA - II

A CABA de encerrar-se, em Zurique, a exposição internacional de Arte Concreta (Konkrete Kunst) organizada pelo escultor suíço Max Bill, a qual não me foi possível visitar, mas cujo catálogo tive oportunidade de examinar.

Com grande surpresa verifiquei que o único país a ter ali uma representação numerosa é o Brasil, com doze artistas, do Rio e de São Paulo, o que me levou a pensar que o Brasil, após ter sido o último bastião do Positivismo, será também o último reduto do Concretismo.

De fato, o grupo brasileiro, embora dividido em concretos e neo-concretos, é unânime em sua rigidez geométrica, avareza de invenção e penúria de cor, remoendo os princípios de uma estética superada quando, na mesma exposição, desdobram-se os contornos sensuais da escultura de Arp, as formas requintadas de Magnelli, a fantasia de Mortensend, e até — pasmem os puristas — a facúndia de Mathieu, endossado pelo próprio Max Bill, que justifica a presença insólita pelo fato de "haver muitos e diversos graus de abstração".

(Seja dada, de passagem, uma explicação ao leitor leigo quanto a essa terminologia: em 1930 o pintor holandês Theo Van Doesburg publicou seu "Manifesto da Arte Concreta", na qual reivindicava esse título para a arte até então chamada abstrata — isto é, a arte baseada em formas geométricas —, sob pretexto de que "Nada é mais concreto, mais real, que uma linha, uma cor, uma superfície".

Lançou-se assim a confusão, o apogeu da arte abstrata passando a ser "arte concreta". Como diz o crítico Michel Seuphor, o termo não foi aceito pelo público. Mas o grupo chefiado por Max Bill adoptou a expressão para designar aquela arte de formas geométricas que invoca a matemática e as leis da óptica para justificar suas pretensões científicas. No Brasil, o principal apologista dessa corrente, e líder do grupo, é o crítico Mário Pedrosa).

Diante da variedade de expressões aceita por Max Bill sob o impressionante título de "Konkrete Kunst" os concretistas brasileiros são mais realistas do que o rei, timbrando em permanecer no mais austero despojamento, repetindo, incansavelmente, combinações elementares de formas geométricas primárias, com a seriedade de quem está procedendo a experiências de alcance transcendental.

É o que se pode verificar no atual Salão de Arte Moderna, no qual a igreja concretista teve a parte do leão. O maior prêmio de pintura — viagem e dois anos de permanência no estrangeiro — foi dado ao autor de três quadros nos quais a tela é dividida obliquamente em duas zonas, de cor chapada e mal definida. É verdade que somente num dos quadros a diagonal divisora é simples; nos outros, é quebrada por um ângulo, certamente traçado segundo alto critério matemático, o que lhe dá uma transcendência indiscutível, embora hermética para os não iniciados.

O escultor concreto, Amílcar de Castro, que acumulou medalha de prata, isenção de júri, e prêmio de Cr\$ 50 000,00, obteve tudo isso graças às suas chapas de ferro unidas, duas a duas, em ângulos de diversa abertura. São peças que, pela própria simplicidade, somada a rusticidade da matéria, têm certo vigor, e adquirem maior dignidade quando comparadas às fraquíssimas esculturas abstratas que foram aceitas por tão rigoroso júri. Mas, seria o caso de atribuir-lhes tantas láureas?

Hércules Barsotti obteve o prêmio de Cr\$ 10 000,00 com três "desenhos" nos quais não entra a arte de desenhista: em cada quadro os bordos ligeiramente irregulares de dois triângulos brancos, sobre fundo preto, criam uma ilusão de profundidade espacial. É uma experiência óptica conhecida, interessante, como estudo, mas não válida como obra de arte em si mesma. E, ainda menos merecedora de prêmio quando confrontada com alguns excelentes trabalhos de desenho e gravura que se apresentam no Salão.

Quanto ao pintor Rubem Valentim, que teve prêmio de Cr\$ 25 000,00, a situação é ambígua: figura no "Itinerário das Artes Plásticas" do "Correio da Manhã" como "concreto" e "construtivista" e — embora sua pintura geométrica tenha mais originalidade que a dos outros — dá a impressão de ter sido premiado como fazendo parte do grupo. Entretanto, o artista declara que não se considera "concreto", e sim "folclórico", pois que suas formas geométricas provêm da estilização dos instrumentos de candomblé.

Embora o júri tenha recusado 450 das obras apresentadas ao salão, os concretistas tiveram entrada franca e incondicional. De outra maneira não se explica a presença de trabalhos tão medíocres quanto os de Hélio Oiticica, Marília Giannetti (que figura no catálogo como discípula de Guignard!), João José Silva Costa, Stênio Oliveira Pinto (que, com seus rudimentares esboços de padrões para chita estampada, só pode ter entrado por ser "Discípulo de Aloísio Carvão e Ivan Serpa", como diz o catálogo), e o inqualificável Geraldo Lucio Moreira Aragão, que além de não ter qualidade alguma, não tem nem ao menos limpeza em seu trabalho.

Essa generosidade cega do júri não lhe fica bem, pois que em sua integridade confiaram, não só os membros da Comissão Nacional de Belas-Artes, mas os artistas que, de boa fé, elegeram um de seus constituintes.

Querendo servir ao concretismo, o júri prestou-lhe o pior dos serviços, exibindo todos os graus de sua pobreza.

PRÊMIOS NA BIENAL DE SALZBURGO

Pela segunda vez está se realizando, em Salzburgo, (Áustria) a Bienal de Arte Religiosa, que só atribui como prêmio uma Medalha de Ouro a cada uma das diferentes seções.

Por intermédio de Don Luiz Robles soubemos que a Medalha de Ouro para a Escultura foi dada a um jovem espanhol, José Luiz Comonté, residente em uma aldeia da Espanha e totalmente desconhecido, até mesmo em seu país.

Assim, Comonté surgiu como uma revelação, apresentando — nos dizeres de Don Luiz Robles — "uma sensacional custódia, em quartzo e ferro forjado, obra muito moderna" que imediatamente lhe valeu a Medalha de Ouro.

Na seção de Ourivesaria, a Medalha foi conferida à artista peruana, Suzana Polac, que apresentou um bellissimo tabernáculo.

E da Pintura ainda estamos aguardando notícias — se é que foi dado o prêmio.

PRIMEIRO SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DO IBEU — 1960

A Comissão de Arte do Instituto Brasil-Estados Unidos comunica:

1) Em virtude do adiamento da inauguração do Salão por motivos de ordem técnica, as inscrições serão reabertas por mais 15 dias, encerrando-se impreterivelmente no dia 31 de agosto. Os interessados deverão inscrever-se na Rua Senador Vergueiro, 103.

2) Os trabalhos deverão ser entregues de 1 a 10 de setembro no mesmo endereço.

3) A inauguração e seleção final serão feitas na nova Galeria IBEU (Av. N. S. de Copacabana, 690) no dia 15 de outubro, às 18 horas.

4) Para qualquer outra informação, telefonar para o Instituto Brasil-Estados Unidos (25-2696).

INAUGURAÇÃO

MARIA LEONTINA — 12 pinturas — 22 de agosto, segunda-feira, 22 horas — Rua Djalma Ulrich, 346 — Copacabana.

instituto de arte